

Um dos argumentos da teoria das Formas

Fédon, 74b-76a, Trad. Jorge Paleikat e João Cruz Costa

Sócrates: Examine agora se não é deste modo que isso se passa: afirmamos sem dúvida que há um igual em si; não me refiro à igualdade entre um pedaço de pau e outro pedaço de pau, entre uma pedra e outra pedra, nem a nada, enfim, do mesmo gênero; mas a alguma coisa mesmo. Deveremos afirmar que ele que, comparada a tudo isso, disso, porém se distingue: o Igual em si existe, ou negar?

Cebes: Seguramente que devemos afirmá-lo, por Zeus!

Sócrates: Muito bem!

Sócrates: E sabemos também o que ele é em si mesmo?

Cebes: Também.

Sócrates: E onde obtemos o conhecimento que dele temos? Acaso não foi dessas coisas de que falamos há pouco? Acaso não foram esses pedaços de pau, essas pedras, ou outras coisas semelhantes, cuja igualdade, percebida por nós, nos fez pensar nesse igual que entretanto é distinto delas? Ou dirás que ao teu parecer ele não se distingue delas? Pois bem; examina outra vez a questão, mas sob este outro aspecto: não acontece que pedaços de pau ou pedras, sem se modificarem, se apresentem a nós ora como iguais, ora como desiguais?

Cebes: Acontece, realmente..

Sócrates: Mas então? O Igual em si acaso te pareceu em alguma ocasião desigual, isto é, a igualdade uma desigualdade?

Cebes: Jamais, Sócrates!

Sócrates: Logo, a igualdade dessas coisas não é o mesmo que o Igual em si.

Cebes: De nenhum modo, Sócrates. Isso para mim é evidente.

Sócrates: E, entretanto, não é certo que foram essas mesmas igualdades que, embora sendo distintas do Igual em si, te levaram a conceber e adquirir o conhecimento do Igual em si?

Cebes: Nada mais certo!

Sócrates: E, isso, quer ele se lhes asseme-lhe, quer seja dessemelhante delas, não é?

Cebes: Realmente.

Sócrates: Sim, por certo; isso é indiferente. Desde que, vendo uma coisa, a visão desta faz com que penses numa outra, desde então, quer haja semelhança ou dessemelhança, necessariamente o que se produz é uma recordação?

Cebes: Necessariamente.

Sócrates: Mas dize-me, passam-se as coisas para nós da mesma forma como as igualdades dos pedaços de pau e como as de que falávamos há pouco? Essas coisas nos parecem iguais assim como o que é Igual em si? Falta-lhes ou não lhes falta algo para poderem convir ao Igual?

Cebes: Oh, falta-lhes muito!

Sócrates: Estamos, pois, de acordo quando, ao ver algum objeto, dizemos: "Este objeto que estou vendo agora tem tendência para assemelhar-se a um outro ser, mas, por ter defeitos, não consegue ser tal como o ser em questão, e lhe é, pelo contrário, inferior". Assim, para podermos fazer estas reflexões, é necessário que antes tenhamos tido ocasião de conhecer esse ser de que se aproxima o dito objeto, ainda que imperfeitamente.

Cebes: Sim, é necessário.

Sócrates: Que poderemos concluir? Encontramo-nos, sim ou não, no mesmo caso a propósito das coisas iguais e do Igual em si?

Cebes: Sim, seguramente.

Sócrates: Portanto, é necessário que tenhamos anteriormente conhecido o Igual, mesmo antes do tempo em que pela primeira vez a visão de coisas iguais nos deu o pensamento de que elas aspiram a ser tal qual o Igual em si, embora lhe sejam inferiores?

Cebes: É isso mesmo.

Sócrates: Mas também estamos de acordo sobre o seguinte: uma tal reflexão e a possibilidade mesma de fazê-la provém unicamente do ato de ver, de tocar, ou de qualquer outra sensação; pois o mesmo podemos dizer a respeito de todas.

Cebes: De fato, é o mesmo. Sócrates, pelo menos em relação ao fim visado pelo argumento.

Sócrates: Como quer que seja, seguramente são as nossas sensações que devem dar-nos tanto o pensamento de que todas as coisas iguais aspiram à realidade própria do Igual, como o de que elas são deficientes relativamente a este. Quer dizer, senão isto?

Cebes: Isso mesmo!

Sócrates: Assim, pois, antes de começar a ver, a ouvir, a sentir de qualquer modo que seja, é preciso que tenhamos adquirido o conhecimento do Igual em si, para que nos seja possível comparar com essa realidade as coisas iguais que as sensações nos mostram, percebendo que há em todas elas o desejo de serem tal qual é essa realidade, e que no entanto lhe são inferiores!

Cebes: Necessária consequência, Sócrates, do que já dissemos.

Sócrates: Logo que nascemos começamos a ver, a ouvir, a fazer uso de todos os nossos sentidos, não é verdade?

Cebes: Efetivamente.

Sócrates: Sim, mas era preciso antes, como já dissemos, ter adquirido o conhecimento do Igual?

Cebes: Sim.

Sócrates: Foi, portanto, segundo parece, antes de nascer que necessariamente o adquirimos?

Cebes: É o que parece.

Sócrates¹: *Assim, pois, que o adquirimos antes do nascimento, uma vez que ao nascer já dele dispúnhamos, podemos dizer, em consequência, que conhecíamos tanto antes como logo depois de nascer, não apenas o Igual, como o Maior e o Menor, e também tudo o que é da mesma espécie? Pois o que, de fato, interessa agora à nossa deliberação não é apenas o Igual, mas também o Belo em si mesmo, o Bom em si, o Justo, o Piedoso, e de modo geral, digamos assim, tudo o mais que é a Realidade em si, tanto nas questões que se apresentam a este propósito, como nas respostas que lhes são dadas. De modo que é uma necessidade adquirir o conhecimento de todas essas coisas antes do nascimento.*

Cebes: É bem isso.

Sócrates: E também, supondo pelo menos que depois de tê-lo adquirido não o esqueçamos constantemente, é uma necessidade lógica que tenhamos nascido com esse saber eterno, conservando-o sempre no curso de nossa vida. Saber, com efeito, consiste nisto: depois de haver adquirido o conhecimento de alguma coisa, dispor dele e não mais perdê-lo. Aliás, o que denominamos "esquecimento" não é, por acaso, o abandono de um conhecimento?

Cebes: Sem dúvida, Sócrates.

Sócrates: E em troca, penso, poder-se-ia supor que perdemos, ao nascer, essa aquisição anterior ao nosso nascimento, mas que mais tarde, fazendo uso dos sentidos a propósito das coisas em questão, reaveríamos o conhecimento que num tempo passado tínhamos adquirido sobre elas. Logo, o que chamamos de "instruir-se" não consistiria em reaver um conhecimento que nos pertencia? E não teríamos razão de dar a isso o nome de "recordar-se"?

Cebes: Toda a razão.

Sócrates: É possível, com efeito - e assim pelo menos nos pareceu - que ao percebermos uma coisa pela vista, pelo ouvido ou por qualquer outro sentido, essa coisa nos permita pensarmos num outro ser que tínhamos esquecido, e do qual se aproximava a primeira, quer ela lhe seja semelhante ou não. Por conseguinte, torno a repetir, de duas uma: ou nascemos com o conhecimento das idéias e este é um conhecimento que para todos nós dura a vida inteira ou então, depois do nasci-mento, aqueles de quem dizemos que se instruem nada mais fazem do que *recordar-se*; e neste caso a instrução seria uma reminiscência.

Cebes: É exatamente assim, Sócrates!

¹ Destaque meu.